



Estereótipos de gênero: uma comparação da representação da mulher nos clássicos da Literatura Infantil do século XVIII com a configuração feminina em obras infantis do século XXI

Karine Camilo Canazart¹; Oziel de Souza²

Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

Resumo

Esta é uma pesquisa bibliográfica que pretende comparar a representação da mulher no surgimento da Literatura Infantil no século XVIII com a representação nas novas obras lançadas no mercado editorial do século XXI. São analisados e discutidos os estereótipos de gênero condicionados pela sociedade, onde a figura feminina era vista como um ser marginalizado e submisso. Este condicionamento ocasionado pelas reproduções sociais, que atribuía papéis e padrões ao gênero feminino, acabou se refletindo no campo literário. Contudo, o presente trabalho, na contramão dessa perspectiva, analisa obras atuais que tendem a quebrar os paradigmas em torno da discussão de gênero, criticando e desconstruindo os padrões socialmente definidos.

Palavras-chave: Mulher. Estereótipos. Gênero. Literatura Infantil.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade homens e mulheres desempenhavam papéis distintos. Geralmente, os padrões comportamentais definidos pela sociedade associavam a figura feminina como o sexo frágil, totalmente dependente da figura masculina. Posteriormente, muitos movimentos sociais lutaram pela igualdade entre os gêneros e dessa forma, gradualmente a mulher tem ganhado novos espaços na sociedade.

Esse histórico não foi representado diferentemente na Literatura Infantil. No século XVIII, início da sua repercussão, os contos de fada expressaram em seus conteúdos a distinção de comportamentos de gênero. Era comum que suas personagens retratassem a dominação masculina e a dependência feminina. Assim, enquanto a sociedade estabelecia os estereótipos de gênero masculino e feminino, a literatura perseguia tais padrões sociais, caracterizando a figura feminina como o sexo frágil.

¹ Graduada pelo curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Izabela Hendrix. Email: karinecanazart@gmail.com

² Licenciado em Matemática pela Universidade Vale do Rio Doce- UNIVALE – Mestre em Educação na Linha de Educação Matemática pela Universidade Federal de Minas Gerais. Email: oziel.souza@izabelahendrix.edu.br



Sendo assim, os contos de fada reprodutores de uma perspectiva ideológica, possuem características que permitem reflexões indagadoras, pois levantam temas a serem repensados quanto à reprodução do condicionamento cultural exercido sobre homens e mulheres. Dessa forma, se estabelece a importância de abordagem deste assunto, contemplando críticas claras a respeito do tema, pois a literatura deveria se voltar à necessidade de questionamento e não apenas de reprodução das práticas sociais.

Essas críticas estão presentes em títulos infantis mais atuais. Cada vez mais, o mercado editorial lança obras literárias que questionam os estereótipos ligados à discussão de gênero³. As obras *As Mulheres e os Homens da Equipo Plantel* e *Chegada de Rosa* da autora Nathalie Hense foram selecionadas para nortear essa discussão. Elas são obras que vêm mostrando que meninas e meninos possuem os mesmos direitos e que podem partilhar das mesmas brincadeiras, atividades e gostos, e que seu sexo não determina como este deve, ou não, se comportar e agir na sociedade.

Assuntos relacionados ao gênero nos clássicos contos de fada ou na Literatura Infantil contemporânea abordam reflexões significativas. A importância das questões ligadas ao gênero gira em torno da reflexão para a construção de sujeitos críticos, livres da reprodução culturalmente impregnada em nossa sociedade.

METODOLOGIA

Para comparar os estereótipos de gênero apresentados na Literatura Infantil dos séculos XVIII com o XXI, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Para isso, foi empregada a leitura analítica de artigos científicos publicados e obras literárias que norteiam discussões de gênero e de Literatura Infantil. Os livros foram disponibilizados pelo acervo do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix localizado em Belo Horizonte- MG.

Os livros de leitura corrente selecionados para a obtenção da análise crítica a cerca da representação feminina na Literatura Infantil foram os títulos *Barba Azul* e *Cinderela* de Charles Perrault, *Branca de Neve* dos irmãos Grimm, *As Mulheres e os Homens da Equipo Plantel* e *Chegada de Rosa* da autora Nathalie Hense. Os principais autores

³ De acordo com Meyer (2013), o conceito de gênero inclui todas as formas de construção social, cultural e linguística envolvidas num processo que diferencia homens e mulheres, atingindo os processos que produzem seus corpos, distinguindo-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia avaliação de processos de diferenciações biológicas, comportamentais ou psíquicas.



consultados foram, Costa (2007), Barbosa (2009), Botton (2010), Daros (2013) e Louro (2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A REPRESENTAÇÃO FEMININA ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XXI

No início do século XVIII a vida da mulher era marcada por aspectos que a configurava como um ser submisso. Os padrões comportamentais eram estabelecidos pela sociedade, onde homem e mulher exerciam papéis sociais bem definidos.

Costa (2007) relata que no século XVIII, esperava-se que a mulher fosse uma personagem totalmente dedicada a casa, ao marido e especialmente aos filhos. Neste contexto a mulher foi categorizada como “rainha do lar”, e a família representava o “lugar por excelência do feminino”. Segundo Costa:

No espaço familiar, desenrolavam-se as funções domésticas, que incluíam a atenção e o cuidado com as crianças, e a socialização primária (aprendizagem de ofícios). Assim, a mulher, que na maioria das vezes era responsável pelo cuidado dos filhos, não estava excluída da participação no processo de produção familiar. (COSTA, 2007, p.37)

Apesar dessa rigidez na definição dos papéis do homem e da mulher, já se observava neste período, sinais de uma transição do papel da mulher no meio social. O advento da industrialização e a expansão capitalista levam a mulher, responsável pelos afazeres domésticos para o chão das fábricas.

Sardenberg e Costa (1994) destacam que a demanda de mão de obra fabril foi um fator determinante para a inserção da mulher no espaço de trabalho. No entanto, o fato de adentrar nesse espaço, não permitiu uma mudança definitiva na situação social da mulher. De submissa às exigências dos esposos, elas passaram a sofrer também com a submissão aos interesses capitalistas, que visavam valer-se das características femininas para obterem êxito na produção.

Assim, a burguesia aproveitou-se dessa condição para estabelecer salários inferiores aos dos homens e jornada de trabalho insalubre e intensa. Utilizando-se por esse meio da passividade e submissão da mulher como uma estratégia para se beneficiar e produzir riquezas a partir dessa exploração.



Dessa forma, a transição da mulher de casa para a fábrica, contribuiu neste sentido para reforçar ideologias preconceituosas, que ainda as colocavam em patamares diferentes dos homens. Estabelecendo uma relação de dominação onde a função principal da mulher na sociedade era satisfazer novamente aos interesses masculinos.

Essa situação perdurou até o século XX. As marcas do preconceito devido ao gênero eram rotina na vida das mulheres e reforçavam os estereótipos quanto ao papel a ser desempenhado por elas na sociedade. A imagem fragilizada e submissa era o tipo ideal para perpetuar a satisfação das vontades masculinas.

O simples fato de pertencer ao gênero feminino impunha à mulher diversas restrições. Barros (2008), afirma que as mulheres não tinham os mesmos direitos civis, políticos e educacionais dos homens, o que refletia nas relações de empregabilidade e atividades políticas.

Buscando mudar a situação em que viviam, as mulheres iniciaram movimentos como a Marcha das Mulheres do Mercado em 1789, a Luta das Trabalhadoras Fabris em 1857 em Nova York, o movimento hippie, e diversos outros, que tinham como objetivo a luta pela igualdade de gêneros, visando ampliar o espaço para a atuação da mulher na sociedade.

Essas lutas foram se configurando em grandes movimentos de resistência e reivindicações, culminando na elaboração de propostas que exigiam a igualdade de gêneros, ou seja, os direitos não estariam subordinados à identidade sexual dos indivíduos. Assim, vislumbrava-se um mundo em que a relação de opressão e subordinação, que permeava o dia a dia de homens e mulheres perderia o sentido, estabelecendo-se novas formas de pensar essa convivência nos mais diversos contextos.

Assim, a mulher do século XXI passou a ter maior autonomia, maior liberdade de expressão, e livre autoridade sobre seu corpo e suas ideias. A figura feminina se renova quando passa a adquirir mais liberdade para assumir novas responsabilidades no meio social, principalmente no mercado de trabalho.

Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, "de



apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação. (LOURO, 1997, p.17)

Como apontado por Louro (1997), a mulher no mercado de trabalho, gradativamente, passa a assumir funções secundárias. Aos poucos também, ela adota uma atitude diferente na sociedade e renuncia a aceitação de estereótipos, condicionamentos e diferenças nas relações de poder.

Quando tomamos como foco de análise as relações de poder que permeiam a convivência de homens e mulheres nos mais diversos espaços, percebemos diferenças salariais, a marca do sexo frágil, baixo “empoderamento” político, e violência doméstica, estas são situações ainda bem evidentes na sociedade contemporânea. Isto confirma a necessidade de lutas permanentes, para que se tornem menos preponderantes as fronteiras e os abismos entre os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade.

E dessa forma, com o passar dos séculos, a literatura acompanhou e retratou as diferentes configurações atribuídas à figura feminina, bem como, as transformações da sua posição na sociedade. E a partir do período em que surge uma literatura destinada à infância, pode-se perceber que os conteúdos literários apontavam para as crianças os estereótipos femininos de acordo com o contexto social a que se estava vivenciando.

ANÁLISES DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL DO SÉCULO XVIII

Para realizar a análise da representação feminina nos clássicos da Literatura Infantil do século XVIII, os contos de fada infantis utilizados como objeto de análise foram as obras clássicas: Barba Azul e Cinderela de Charles Perrault, e Branca de Neve, dos irmãos Grimm. Estas obras foram escolhidas, pois possuem critérios básicos que caracterizam os estereótipos que distinguem os gêneros feminino e masculino presentes nas histórias como, dominação masculina, fragilidade da mulher, atributos destinados ao mundo masculino, felicidade depositada no matrimônio e outros padrões. Cabe conhecer um breve resumo das obras selecionadas.

A obra Barba Azul, produzida por Charles Perrault, conta a história de um senhor rejeitado como marido, apesar de toda a riqueza e poder que possui. Ao longo da



história ele consegue se casar com uma jovem, mas a proíbe de entrar em um dos cômodos de sua casa, onde ele esconde um segredo. Em uma oportunidade, sua esposa entra no cômodo proibido e descobre cadáveres das ex-esposas de seu marido. Ao descobrir que sua mulher o desobedeceu, Barba Azul decide matá-la, mas depois de planejar uma forma de escapar daquela situação, a mulher é salva por seus irmãos. Ao final da história vem escrita a sua moral, que diz:

A curiosidade, apesar de seus encantos, Muitas vezes custa sentidos prantos; É o que vemos todos os dias acontecer. Perdoem-me as mulheres, esse é um frívolo prazer. Assim que o temos, ele deixa de o ser e é sempre muito caro obter. (TATAR 2013, p.171)

Já o conto Cinderela, se resume na história de uma garota órfã que vive com sua madrasta e as filhas dela. No decorrer da história, Cinderela é caracterizada como uma menina meiga, habilidosa em serviços domésticos, com boa aparência e recatada. Com a ajuda de sua madrinha, Cinderela, com um passe de mágica, consegue realizar sua vontade de ir ao baile e ficar por lá até a meia noite, quando a magia acabaria. Sua beleza encanta a todas as pessoas presentes no baile, inclusive o príncipe, que acabou a convidando para dançar. Quando chegou a hora de retornar à sua casa, Cinderela saiu rapidamente de lá e deixou para trás seu sapato de vidro. O príncipe resolveu procurar a dona do sapato experimentando em todas as moças da cidade, até descobrir de quem era. Quando reencontrou Cinderela e percebeu que o sapato era dela, o príncipe se encantou ainda mais por sua beleza e poucos dias depois, eles estavam casados e foram felizes para sempre.

A última história objeto de nossa análise é a Branca de Neve, dos irmãos Grimm, que conta sobre a vida de uma garota branca como a neve, de cabelos negros, que vivia sob as “rédeas” de sua madrasta bela, má e invejosa. A cada dia que se passava, sua beleza aumentava, até que sua encantadora aparência passou a sobressair à de sua madrasta. Um dia a madrasta de Branca de Neve perguntou ao seu espelho mágico se existia outra mulher mais bela do que ela e o espelho que não mentia, apontou que Branca de Neve era mil vezes mais bela. A inveja ocasionou o desejo pela morte da garota. A madrasta exigiu que um caçador levasse a menina para a floresta e desse um fim na vida de Branca de Neve. Para provar a morte da garota, a rainha ordenou que ele trouxesse de volta seus pulmões e seu fígado. Então, o homem quando estava prestes a matar Branca de Neve, teve piedade dela e permitiu que ela fugisse com a condição de nunca mais



aparecer por ali novamente. O caçador matou um javali e retirou seus órgãos para levar para a rainha.

Branca de Neve sem ter para onde ir, refugiou-se em uma cabana que encontrou no meio da floresta. Cansada, Branca de Neve se alimentou e adormeceu. Os donos da cabana eram sete anões que ficaram encantados com a garota. Eles permitiram então, que Branca de Neve morasse ali, com a condição de lavar, cozinhar, costurar, arrumar as camas, e manter a cabana arrumada e limpa. Enquanto Branca de Neve ficava responsável pelos afazeres domésticos, os anões iam para as montanhas em busca de ouro e minério.

Enquanto isso, no reino da madrasta, o espelho contou para a rainha que Branca de Neve estava viva e se refugiava numa cabana dentro da floresta. A rainha planejou se disfarçar de vendedora de maçãs e foi até a Branca de Neve para lhe matar envenenada. Assim o fez, e Branca de Neve morreu. Os anões colocaram o corpo da menina em um caixão de vidro, nesse ínterim, o príncipe se apaixonou pela menina a ponto de querer ter posse dela em seu caixão. Os criados do príncipe então, levaram o caixão para o reino, quando tropeçaram a maçã envenenada saiu de sua boca. Isto trouxe de volta a vida de Branca de Neve. E em seguida, o príncipe decide se casar com ela.

A partir desta breve explanação acerca das obras selecionadas como objeto de análise, temos o objetivo de refletir sobre o lugar da mulher no âmbito da literatura infantil do século XVIII. Sobre a obra Barba Azul, Tatar (2013) comenta que Perrault, apresenta a esposa do protagonista da história como uma personagem que possui grande curiosidade, e que por conta disso, comete um erro que quase a leva à morte, quando desobedece seu marido.

De acordo com Tatar (2013, p. 171 e 172): “Na moral que extrai da história, Perrault traça um paralelo entre a curiosidade intelectual da mulher de Barba Azul e a curiosidade sexual das mulheres em geral”. Vê-se, portanto, presente nessa história, a mulher como um ser curioso, que deve obedecer a seu marido para não sofrer consequências penosas. Evidenciando assim, mais uma vez, a dominação masculina e a fragilidade da mulher, bem como, enquanto apresenta que toda a felicidade da personagem é depositada no matrimônio e na satisfação do esposo e da família.



O episódio em que os irmãos da esposa de Barba Azul chegam para salvá-la da morte retrata a dependência da mulher que necessita de um homem para resolver seus conflitos. Assim, essa história se inicia com o casamento e no final a esposa é devolvida para sua família. Novamente, é reforçado o que diz Costa (2007) sobre o condicionamento da mulher neste período, a mulher é vista como um ser frágil e submisso, reforçando os papéis atribuídos aos gêneros e os lugares sociais no século XVIII. Onde o homem exercia total controle sobre a figura feminina, e a mulher era relegada apenas ao exercício do controle das atividades domésticas e familiares.

Analisando o conto Cinderela, é perceptível o enquadramento da personagem principal nos estereótipos femininos reproduzidos social e historicamente. Em toda a história ela é citada como a boa menina, humilde e meiga. Tatar (2013) relata em suas notas sobre este conto:

Cinderela é sempre o burro de carga da casa, uma criatura que não só deve dar conta dos serviços domésticos como tem sua verdadeira beleza encoberta por fuligem, poeiras e cinzas. O fato de ela ser trabalhadeira e gentil indica como uma combinação de qualidades pode criar personagens fortemente atraentes. (TATAR, 2013, p.351)

Esta história apresenta outras características que são atribuídas à figura feminina. Quando a madrinha de Cinderela sugere que ela seja uma boa menina, Tatar (2013) explica que Perrault acreditava que os contos de fada recompensam a virtude, pois em suas obras ele frisava a delicadeza e a doçura. Os contos de Perrault geralmente descrevem elementos comportamentais para as mulheres. O conto da Cinderela termina com o casamento entre o príncipe e a protagonista, o que sugere a ideia do matrimônio como a realização pessoal da mulher. Bem como ocorre na história de Branca de Neve. E em tantos outros contos de fada, onde há a exaltação do matrimônio como o final feliz almejado pelas personagens principais.

Esse clássico dos irmãos Grimm, ressalta em todo seu enredo a questão da beleza feminina da garota meiga, inocente e condicionada ao trabalho doméstico, da mesma forma como Perrault caracteriza Cinderela. A imagem da ingenuidade feminina é expressa durante a falta de atenção da garota em meio às tentativas da madrasta em tentar matá-la. Os anões são, nessa história, o masculino, que aparecem para proteger a garota indefesa e condicionam a ela a realização das tarefas domésticas.



Nas três histórias analisadas estão presentes claramente os padrões comportamentais e paradigmas em torno do ser feminino. Tratando-se da função social da mulher no século XVIII, e do contexto histórico e social em que estes contos surgiram, percebe-se como o feminino era retratado na Literatura Infantil da época. E como, conseqüentemente, estabelecia os modelos a serem seguidos. Eram modelos atribuídos ao sexo feminino que, ao ver de Louro (1997):

É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 1997, p.21)

A Literatura Infantil vem, desde então, abordando a questão feminina de acordo com a sua representação na sociedade. Considerando as crescentes evoluções da mulher e as mudanças de paradigmas sociais desde o século XVIII, é indagador o papel desta no contexto social atual e seus reflexos na Literatura Infantil contemporânea.

NOVAS CONFIGURAÇÕES DO GÊNERO FEMININO NA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA

Atualmente, encontram-se na Literatura Infantil, autores preocupados em derrubar os paradigmas sociais que impõem padrões comportamentais de gêneros a serem seguidos. A partir destes novos títulos e dos estímulos à igualdade entre gêneros que eles trazem, as crianças poderão ser introduzidas em uma realidade que luta para derrubar os estereótipos.

De acordo com Siquara (2010) esses títulos, no entanto, são relativamente recentes no cenário editorial brasileiro e a falta desse tipo de conteúdo é o impulso para escritores criarem obras literárias que abordam relações de gênero. Cada vez mais, vem sendo produzidos títulos que discutem os direitos das mulheres, assim, ocorre uma aproximação entre o público infantil e importantes assuntos sociais que necessitam serem tratadas com as crianças.

Para investigar as novas configurações do gênero feminino representados na literatura contemporânea, esta pesquisa analisou os livros: *As mulheres e os homens*, de Equipo Plantel e *Chega de Rosa*, de Nathalie Hense.

O livro, *As mulheres e os Homens*, traz à tona a discussão dos estereótipos estabelecidos para o comportamento do homem e da mulher, explorando essa discussão a partir da perspectiva de igualdade e respeito entre os gêneros. Até mesmo a estética do livro foge aos padrões predominantes, percebe-se que a ilustração da obra destoa da cor rosa e dos detalhes delicados, como laços e flores para as meninas, e o azul acompanhado de artefatos sóbrios que são destinados ao universo masculino.

Em sua primeira página vem registrado que homens e mulheres, apesar de parecerem muito diferentes são muito semelhantes. Embora nos seja ensinado que o homem é mais importante e a mulher é mais frágil, o livro procura desconstruir essa afirmação, quando cita que nada disso é verdade, uma vez que existem homens frágeis e grandes mulheres importantes. “Existem mulheres corajosas e homens covardes. Assim como existem homens importantes, inteligentes, corajosos... Pois a inteligência, o trabalho e a coragem de uma pessoa não tem nada a ver com ser homem ou ser mulher.” (PLANTEL, 2016, p. 15 e 16). Este trecho do livro exemplifica a contestação sobre a atribuição de adjetivos quanto ao sexo.

Segundo o livro, meninas e meninos desde muito pequenos são educados de formas diferentes. Ao menino é ensinado se tornar importante, valente, forte e bom aluno, enquanto as meninas são ensinadas a serem bonitas, obedientes, carinhosas e femininas. E por viverem sobre o mesmo padrão machista, é que meninos e meninas, se tornam realmente diferentes. E então, quando se tornam adultos, reproduzem esses mesmos comportamentos, perpetuando atribuições de gênero preconceituosas e incoerentes.

Ao decorrer do conteúdo do livro, é explicitado que os homens assumem uma postura de dominação, onde mandam no país, na empresa, na família e na mulher. E as mulheres adotam o ofício de se comportarem de acordo com o que agrada aos homens. Surge então a imagem da mulher como dona de casa e do homem como o chefe da família. No entanto, a obra deixa claro que nem um e nem o outro foram feitos para mandar ou obedecer, pois homens e mulheres só tem o sexo como diferença.

A obra ainda traz no final da história, um texto sobre as desigualdades sociais perante os sexos feminino e masculino e questões para refletir as relações de gênero. Dessa forma, procura desconstruir os padrões instaurados e debater novas possibilidades mais justas de convívio social entre os gêneros.



Já o segundo livro analisado, intitulado *Chega de Rosa*, questiona também os estereótipos comportamentais destinados às garotas. O livro é uma narrativa da protagonista que retrata o fato dela não se adequar ao “universo feminino”, pois adora lidar com insetos, brincar com guindastes e detesta brincadeiras “de meninas”. Porém, seus pais vivem dizendo que ela tem um comportamento de menino. A garota não concorda com o padrão. “Então perguntei em casa por que as meninas não podem gostar de coisas de meninos e vice-versa. E me responderam por que não. Isso lá é resposta?!” (HENSE, 2008, p.26).

Esta obra provoca uma reflexão sobre a cultura discriminatória de demarcar brincadeiras distintas para meninos e meninas.

Muitas pesquisas realizadas na linha dos Estudos Culturais e de Gênero demonstraram que o brinquedo e a brincadeira infantil, incentivados, mediados, permitidos, controlados, endereçados, classificados pelos adultos de determinada cultura, estão imbricados no controle e disciplinamento dos corpos infantis no sentido de torná-los meninos e meninas de certa forma. (SOSTISSO, 2010. p.4)

A personagem do livro relata que não se atrai pelas histórias das princesas dos contos de fadas, laços e bonecas, e que isto não a torna um menino. Augusto, o amigo da protagonista da história é citado como um garoto que brinca com bonecas e gosta de costurar. Outra personagem é Carlos, um garoto sensível que pintava flores e joaninhas em seus carrinhos, enquanto as pessoas brigavam com ele por isso. Sendo assim, o livro relata como as pessoas respondem a diferentes comportamentos socialmente preestabelecidos. Percebe-se, assim, a falta de aceitação enfrentada pelas crianças que preferem não seguir a divisão de brincadeiras e os padrões de gênero estabelecidos.

Esses, e outros livros mais atuais, almejam atingir o público infantil para que, através da literatura, as crianças tenham acesso a um material inovador que motive as reflexões sobre as desigualdades de gênero, sobre a imposição de padrões e a rigidez da cultura em seguir estereótipos estanques acerca da masculinidade e feminilidade, lançados pela sociedade por um longo tempo.

Assim como o olhar sobre a diferença dos gêneros vem sendo gradativamente transformado, através das mudanças historicamente construídas, a Literatura Infantil busca também retratar estas transformações, e quebrar os paradigmas que um dia foram, e ainda vêm sendo, reproduzidos.



A INFLUÊNCIA DOS CONTEÚDOS LITERÁRIOS NA CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO FEMININO

Como vimos ao longo desse artigo, parte dos clássicos da Literatura Infantil reforça estereótipos atribuídos à figura feminina. Nas obras da Literatura Infantil esses estereótipos estão bem reforçados. Há obras literárias que definem o comportamento meigo, as cores claras e ações delicadas como atributos femininos. Já o lado masculino é fortemente representado pelos príncipes e heróis, responsáveis pelos atos de bravura e coragem.

Santos (2009) discorre a respeito da naturalização do estereótipo feminino que se encontra presente: “a naturalização dessas concepções a respeito da subjetividade feminina impunha à mulher a perpetuação desse comportamento, como forma de angariar reconhecimento social”.

Sobre passarmos a ter uma visão crítica a respeito dos conteúdos subliminares a que muitas crianças estão expostas, diz Daros:

A intenção pedagógica necessita apontar a construção de uma visão mais humana e emancipatória das relações de gênero de modo que esses processos permitam que meninas e meninos vivam e expressem sua sexualidade, seus talentos de forma plena, sem imposições de normas e regras que favoreçam a dominação masculina, proporcionando a meninos e meninas chances iguais para o desenvolvimento de seu potencial artístico, esportivo e de liderança. (DAROS, 2013, p.185).

Dessa forma, é preciso reconhecer que ambos os gêneros precisam de uma ação pedagógica que desconstrua os estereótipos, principalmente no que diz respeito às imposições ao sexo feminino. As crianças tendem a reproduzir os modelos de comportamento das personagens da literatura, por exemplo, os clássicos da Literatura Infantil que foram analisados, que geralmente atribuem padrões submissos às personagens femininas. Faz-se necessário, portanto, uma avaliação dos conteúdos presentes nos contos de fada, que induzem as crianças a seguirem determinados comportamentos socialmente estabelecidos de maneira preconceituosa e colocam a figura feminina em evidente desvantagem.

E não é apenas através da verbalização que se esclarecem os estereótipos, podendo estar expressos em todo o material literário, ou seja, através da linguagem, das cores usadas no livro, do perfil físico das personagens, do tipo de material e da arte em que a obra foi



impressa, bem como, através de toda a estética do livro como um produto comercial voltado para determinado gênero.

Por conseguinte, analisando algumas obras infantis podemos ver de que forma são reforçados os estereótipos sobre gênero. Botton (2010, p.1206) alerta que é preciso estar atento aos discursos dos livros infantis, pois eles estão longe de serem inocentes. Seus conteúdos não são independentes, nem neutros e influenciarão a constituição subjetiva das crianças.

Barbosa (2009) caracteriza ainda, como essas práticas são ameaçadoras para a figura feminina. Esses padrões estão por toda a parte e se tornam tradicionais na vida de toda garota. Daros (2013) ressalta que o livro literário é um produto de mercado que foi produzido por um adulto, e são os adultos também, quem intermediam o acesso aos livros para as crianças. Visto que há uma ampla quantidade de literatura desatenta para a igualdade de gêneros em circulação, é raro que haja uma análise crítica sobre o problema social em questão. Muitos pais e educadores viabilizam o acesso de qualquer material literário infantil, sem sequer fazer uma breve avaliação.

No contexto escolar, as questões de gêneros devem ser discutidas de forma clara e objetiva. Não podemos mais tolerar que cada gênero seja destinado a seguir os modelos estabelecidos ao longo da história. Esses modelos vêm fortemente legitimando a discriminação na sociedade. Assim, inconscientemente somos manipulados a reproduzir e legitimar os padrões socialmente impostos como verdades inquestionáveis. Não são questionadas as condições que nos são impostas e são permitidos que esses fatos persistam. Sem interromper esse ciclo, as questões que distinguem os gêneros continuam a se perpetuar de maneira vertical e manipuladora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa mostrou que a Literatura Infantil vem, desde sua origem no século XVIII, refletindo a cultura da sociedade e o contexto histórico e social. No que diz respeito às questões de gênero, a mulher do século XVIII possuía papéis bem definidos, que a condicionava a ser submissa e inferior. E era dessa forma, também, que a mulher daquele contexto era representada em obras literárias infantis.



A Literatura Infantil no século XVIII atribuía estereótipos de gênero e configurava a figura feminina como um ser submisso e frágil. Em suas entrelinhas a mulher era caracterizada como a responsável pelos cuidados do lar e os comportamentos eram condicionados de acordo com os interesses masculinos.

Já a literatura infantil no século XXI, tem mostrado que há títulos contemporâneos que visam retratar o oposto da perspectiva literária do século XVIII. Renovando o papel e o lugar social da mulher. Atualmente é possível encontrar obras literárias preocupadas em quebrar paradigmas sociais que estabelecem padrões comportamentais para os gêneros. Esses novos títulos apontam para o leitor que não é preciso seguir os rígidos estereótipos difundidos pela sociedade e mais ainda, que é preciso desconstruí-los. As obras infantis contemporâneas expressam uma figura feminina da atualidade que já não é mais condicionada, como no passado.

A partir da comparação literária de obras do século XVIII e XXI, podemos ver a evolução da discussão de gênero na literatura infantil, aspecto socialmente relevante que pode propiciar a derrubada de antigos paradigmas representados em torno da figura feminina. Reforçando por esse meio que a mulher não é criada para assumir os papéis que a sociedade lhe impõe e determina, além disso, que não deve ser submetida à marginalização social apenas pelo pertencimento a um determinado gênero. Ela deve antes ser agente do seu próprio destino.

Essas indagações são colocadas pela nova Literatura Infantil e são capazes de engendrar novas perspectivas e discussões, com vistas a fomentar espaços de convivência mais justos e igualitários. A resignificação dos contos de fada reflete essa prerrogativa e instaura um novo contexto literário, em que o debate e a reflexão partem, não apenas da reprodução, mas de uma crítica da realidade social. De que participam, também, as crianças e o universo infantil, como forma efetiva de transformação social.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira; LONGHI, Márcia. **Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para formação docente**. UFPE: Editora universitária. Publicações Especiais do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/FAGES - Recife, 2009.



BARBOSA, Ângela Márcia Damasceno T. A literatura infantil e a construção da identidade feminina e masculina. In: V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009. **Anais eletrônicos...** Salvador: Faculdade de Comunicação, UFBA. 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19171.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

BARROS, Alice Monteiro de. Cidadania, relações de gênero e relações de trabalho. In: **Revista do Tribunal Regional do Trabalho**. 3ª Reg., Belo Horizonte, v.47, n.77, p.67-83, jan./jun.2008.

BOTTON, Andressa; STREY, Marlene Neves. A literatura infantil além da inocência: discursos que formatam e reproduzem as diferenças de gênero. **In: V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUCRS, 2010. Anais eletrônicos..** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 1204-1206. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Psicologia/82534-ANDRESSABOTTON.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2015.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Compêndio da literatura infantil**. 3ª ed. São Paulo: Editora IBEP, 1955.

COSTA, Patrícia Ávila. **Janela das Andorinhas: a experiência da feminilidade em uma comunidade rural**. 2007. 101 f. Dissertação de Mestrado - Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10160/10160_4.PDF>. Acesso em: 15 mar. 2016.

CUNHA, Antonieta Antunes. **A literatura infantil teoria e prática**. 18ª ed. São Paulo: Editora Ática. 1999.

DAROS, Thuinie Medeiros Vilela. Problematizando Os Gêneros E As Sexualidades Através Da Literatura Infantil. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 3, n. 2, p. 172-186, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/172-%E2%80%93186-Problematizando-os-g%C3%AAneros-e-a-sexualidade-atrav%C3%AAs-da-literatura-infantil.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

HENSE, Nathalie. **Chega de Rosa**. Tradução: SANTOS, Rafaela Moreira dos. São Paulo: Editora SM. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p 11-29.



PLANTEL, Equipo. **As mulheres e os Homens**. Tradução: Thaisa Burani. São Paulo: Boitempo. 2016.

SARDENBERG, Cecília M. B.; COSTA, Ana Alice A. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (orgs.). **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Edições Loyola, 1994. P. 81 – 114.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da Literatura Infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**. v. 2, n. 2, jul/dez, 2009. Disponível em: <<http://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>>. Acesso em: 15 de março de 2016.

SIQUARA, Carlos Andrei. Quando o tabu não tem vez. **Jornal O Tempo**, Belo Horizonte, p. 6-7, 10 abr. 2016.

SOSTISSO, Débora Francez. **Interfaces Entre Infância, Gênero e Escola**: Dialogando Com Crianças. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, UFSC, ago. 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ª ed. São Paulo: Editora global. 2005.